

# COMPETÊNCIAS NO ACONSELHAMENTO

Pesquisador: Abner Morilha

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Fatima Fontes

Faculdade Teológica Batista de São Paulo (SP)

Departamento de Pós-graduação em Aconselhamento

Eixo Temático: Teologia Prática: Aconselhamento

Categoria: Comunicação oral

## O PAPEL DO CONSELHEIRO

### 1. INTRODUÇÃO

Mais do que as técnicas, mais do que o como é que se faz ou quais os passos para uma atuação interventiva, preventiva, mais do que esta *practice* ou os passos para fazer isto ou aquilo, é a compreensão de que, no aconselhamento, o instrumento é o aconselhador e que este pode ser comparado a um violino no processo de relação de ajuda.

O violino é um instrumento maravilhoso, mas absolutamente terrível se for tocado por alguém que não o conhece ou por alguém que está aprendendo a tocar, pois é extremamente sensível, facilmente desafina e, dependendo da forma como se maneja o arco, ele não emitirá o som adequado. Assim também é o aconselhador. Ele é sujeito a várias interferências, mas se estiver “afinado”, quer dizer, capacitado e aberto a uma análise pessoal de sua condição e atuação, pode ser de grande ajuda na vida de uma pessoa que busca a relação de ajuda.

Portanto, para que um conselheiro desempenhe seu papel de maneira relevante, é importante que ele conheça a si mesmo, seus limites e competências na relação de ajuda.

A pesquisa tem como objetivo geral a caracterização e compreensão do papel do conselheiro e como objetivo específico procurar-se-á identificar as competências requeridas para a vivência deste papel no relacionamento de ajuda.

O método utilizado será revisão bibliográfica e estudo exploratório-descritivo documental.

O procedimentos ou critério para a revisão bibliográfica será: bibliografia com até 15 anos; nos idiomas português, inglês e espanhol, publicações: universitárias, científicas, revistas, jornais, Organizações não governamentais e Internet.

## 2. COMPETÊNCIAS

No portais do oráculo de Delfos é dito que se poderiam ler as inscrições “*nosce te ipsum*” - Conhece-te a ti mesmo

Miguel de Cervantes em D. Quixote: *Ocupa-te de te conheceres, que é esta a mais difícil lição da vida.*

Paulo encoraja a igreja de Corinto em I Coríntios 11: 28: Examine-se o homem a si mesmo e como do pão e beba do vinho.

Segundo as instruções do apóstolo parece que o *examinar-se a si mesmo* deve preceder a comunhão e a celebração.

É fundamental que o conselheiro conheça suas motivações, que conheça o que o levou a escolher este campo de atuação e qual a motivação que está presente em cada atendimento.

Collins (2004, p.28), afirma que *se a principal razão que nos motiva para o aconselhamento é atender às nossas próprias necessidades, é pouco provável que sejamos de alguma ajuda para os nossos aconselhados.*

Desta forma se faz necessário o exame das motivações em todo o tempo.

Collins (2004, p.28) também levanta alguns fatores que podem interferir com a eficiência do conselheiro:

a) a necessidade de manter relacionamentos pode ser um impedimento para que se chegue a bons resultados em um processo de atendimento. Pois a necessidade do conselheiro pode estender o processo de ajuda devido a sua necessidade em manter o relacionamento;

b) a necessidade de exercer controle pode levar o conselheiro ao abuso de autoridade, ou *abuso noutético*, isto é, uma linha de aconselhamento diretiva, o que pode gerar uma dependência ou um afastamento do aconselhado;.

c) a necessidade de socorrer pode levar o conselheiro a vitimizar seu aconselhando, tirando a responsabilidade que viabiliza o crescimento e o desenvolvimento do cliente;

d) a necessidade de informação. No processo do aconselhamento, muitas vezes, o aconselhando traz informações interessantes que aguçam a curiosidade do conselheiro. Quando o conselheiro coloca sua curiosidade a serviço próprio, pode comprometer o desenvolvimento do processo de aconselhamento.

O conselheiro deve sempre ter como prioridade o aconselhando e não suas necessidades. Na relação de ajuda que se estabelece, é importante que se tenha de forma bem definida em quem deve estar o foco no atendimento.

Para facilitar a compreensão deste processo, estabelecido na relação de ajuda, pode-se perguntar:

a) A quem se busca quando se busca um conselheiro? b) A quem se busca em uma relação de ajuda? c) O que se busca em um processo de

aconselhamento?

A estas indagações podem-se sugerir algumas reflexões:

a) Promoção de um lugar de acolhimento. Caracteriza-se por promover um lugar seguro de acolhimento incondicional. É fundamental para que o aconselhando se sinta confortável em expressar suas dores e conflitos. O lugar, aqui, não é geográfico e sim afetivo. “O conhecimento pessoal que o cliente precisa empreender, ou a exposição do indizível, somente pode ocorrer num contexto de segurança” (Langberg, 2002 p. 17).

b) Relacionamento restaurador. A partir do fato de que o ser humano é um ser de relações ou relacional, é provável que no relacionamento conselheiro-aconselhando a cura seja potencializada. Geralmente, os grandes conflitos e traumas são gerados em relacionamentos, portanto, pode-se assumir que será também em meio a estes que o aconselhando encontrará um lugar de restauração. Ao sentir que o conselheiro é um continente que acolhe incondicionalmente, sem exigir o uso de máscaras e o desempenho de papéis, o aconselhando começa um processo de descoberta de sua identidade, isto é, o que ele é, em sua essência; em outras palavras, a aceitação incondicional ajuda a pessoa a liberar seus conteúdos reprimidos e camuflados. Ao sentir-se em um *campo* seguro, o aconselhando tenderá a permitir que suas sombras sejam visitadas, abrindo ele mesmo as janelas para que a luz do conhecimento e da aceitação entre e ilumine suas trevas e traga cura às suas feridas mais profundas.

c) Somente o amor e a aceitação podem gerar cura na alma dilacerada pela dor e pelo medo. Lamberg, (2002 P. 42) pontua que “Poucas discussões sobre terapia falam de amar o cliente. Palavras como solicitudes, empatias e preocupação são usadas com frequência, mas amor geralmente não é considerado um componente necessário para a boa terapia.”

A escuta com qualidade faz parte também deste lugar de acolhimento. O conselheiro deve ouvir a alma humana. Deve entender que há uma linguagem que está para além da verbalização. Deve ouvir com atenção aquilo que emerge no atendimento e procurar ler as expressões faciais, a linguagem do corpo e expressões mais sutis do aconselhando.

É importante conscientizar-se que esta escuta com qualidade tem a ver com atenção e que esta pode ser prejudicada por uma série de fatores internos e externos. Um ambiente onde há interferência de sons, iluminação, frio ou calor, desconforto no acento, na ventilação, fome, sede, cansaço, estresse, idade ou uma conta para pagar, uma situação para resolver, o encadeamento de compromissos e os atendimentos ininterruptos, sem que o conselheiro tenha tempo de refletir sobre cada sessão, podem interferir na atenção e na evocação da memória gerando uma escuta deficitária.

d) Uma escuta com qualidade demanda a visibilidade do sujeito. Quando o conselheiro vê a pessoa e a pessoa se sente vista, isto pode fazer diferença no atendimento.

Em diferentes momentos lê-se nos evangelhos Jesus encontrando pessoas em dificuldade e, às vésperas de acontecer uma intervenção sobrenatural, o texto narra que Jesus viu e as pessoas sentiram-se por ele vistas. (Marcos 5:1-14; Marcos 6: 34-44; Marcos 7: 31-37; João 5:1-18; João 9:1-12).

A fala de Hagar com o Anjo em Gênesis 16: 13 *Eu vi o Senhor que me vê.*

A experiência da visibilidade é a experiência que muda por completo a vida de Hagar. A partir deste encontro Hagar assume a responsabilidade pela própria vida e garante a preservação de sua família.

A visibilidade é a experiência da humanidade.

Jesus vive esta experiência até em seu momento de mais profunda dor. Na cruz ele encontra o olhar de sua mãe e de seu amigo João. No seu momento de maior angústia, ele providencia a Maria sua mãe um filho para substituí-lo e providencia a seu amigo João uma mãe para consolá-lo.

Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa. (João 19: 26-27).

e) Aceitação do tempo de resposta do aconselhando. É imprescindível que o conselheiro aprenda a trabalhar suas ansiedades especialmente com relação ao *timing* do aconselhando. Compreender que cada indivíduo tem seu tempo de compreensão, elaboração e resposta são fundamentais para que a relação de ajuda não se torne opressiva. A exigência de uma resposta antes do tempo do aconselhando pode disparar um mecanismo de fuga e/ou evitação que poderá por um fim prematuro ao processo de aconselhamento.

f) Collins (2004) cita: *Calor humano* que engloba respeito, atenção e uma preocupação não sufocante com o bem estar do aconselhando, sinceridade e empatia. *Sinceridade*: Ser aberto, honesto, não recorrer a falsidade, ser espontâneo, mas não impulsivo, ser franco, mas não inascível. *Empatia*: Estar sensível ao que o aconselhando pensa, sente, seus valores, conflitos e feridas da alma. Ter a capacidade de sentir aquilo que o aconselhando sente mesmo sem compreendê-lo.

g) Medeiros (2003) cita um conselheiro de quem se goste e que seja afetivo. Entretanto, neste quesito o conselheiro deve estar ciente que no processo de relação de ajuda sentimentos de companheirismo e afetividade podem ser despertados. É importante que o conselheiro *não se embarace com sua afetividade*, mas também que não seja ingênuo e saiba que, em todo encontro, a libido está presente e desejos podem emergir no processo de relação de ajuda. Por isso, é importante que o conselheiro saiba como se precaver, coloque limites, respeite-os e não entre em jogos de sedução. Estes são pontos fundamentais na relação do conselheiro-aconselhando.

h) Collins (2004) pontua: *Cautela*: o aconselhamento deve ser ritmado e sem atropelos. *Imparcialidade*: o confronto é diferente de preconceito. O conselheiro precisa estar atento se seus preconceitos não estão influenciando o

atendimento. *Objetividade*: o excesso de envolvimento emocional pode fazer com que o conselheiro perca a objetividade.

### 3. PROCESSO INTERVENTIVO

Voz: Quando se reflete em intervenção pode se pensar primeiramente naquilo que constitui o sujeito, sujeito este que, segundo a teoria lacaniana é falado e que só é possível existir como sujeito porque fala as falas que foram faladas, pois como afirma Lacan (1975): “A constituição do sujeito é de significante para significante ou ainda são as falas fundadoras que envolvem o sujeito, são tudo aquilo que o constitui, os pais, os vizinhos, a estrutura inteira da comunidade.”

Portanto, quando se consideram processos de intervenção pode se pensar no conselheiro como aquele que promove o espaço seguro permeado pela aceitação incondicional onde a voz ou a fala daquele que sofre é recuperada e ouvida.

Langbert (2002): “A voz é o que articula a individualidade. É a representação exata da pessoa. É a pessoa falando ela própria ao mundo. A voz explica a pessoa a outros com palavras que podem ser entendidas. A voz é uma extensão do si-próprio.”

Jesus Cristo é chamado de o *Verbo de Deus* (João 1: 1,14) e como verbo que fala ao homem ele se revela como palavra que torna Deus acessível, assim também nossa palavra nos torna acessível ao outro e a nós mesmos.

Langberg (2002), afirma que a “palavra de Deus o explica para nós; assim como, nossa palavra nos explica para os outros”. A essência de Deus é encontrada na Palavra; nossa essência se expressa em nossa voz. Ser criado à imagem e semelhança de Deus é ter uma voz e proferir esta voz ao mundo, é apresentar-se como pessoa. Tudo o que distorce a voz de Deus resulta na destruição da pessoa e *tudo o que silencia a voz destrói a imagem de Deus no ser humano*. Portanto, propiciar um lugar seguro onde esta voz ou onde esta fala silenciada possa ser expressa, é dar espaço para que o próprio Deus fale e assim constitua e *edifique os lugares antigamente assolados e restaure os lugares anteriormente destruídos* (Isaias 61: 4).

O Verbo de Deus foi falado e a fala fundadora dita ao Senhor Jesus logo após seu batismo: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mateus 3: 17), constituiu nosso Senhor como homem e Filho e, somente a partir deste ponto de constituição, ele começa seu ministério público.

Relacionamento: Partindo da premissa que o ser humano é um ser de relações, que é construído por meio das relações e de que o abuso sempre implica em, no mínimo, uma segunda pessoa que se relaciona de maneira violenta ou não, a fim de obter prazer sexual de sua vítima, surge a possibilida-

de de a área afetiva do relacionamento sofrer um abalo, por conta da forma traumática como a experiência pode ter sido vivenciada. O conselheiro pode intervir neste aspecto restaurando e apontado caminhos saudáveis para o aconselhando. Somente por meio de outro relacionamento, mas desta vez, amoroso, aceitativo, incondicional o abusado por ter esta área restaurada.

Poder: Segundo Langbert (2002) O conselheiro pode propiciar o empoderamento do abusado. Com o abuso, um dos sentimentos que possivelmente acomete o abusado é o da perda de poder e de controle sobre a própria vida. A sensação de ser vítima da situação e de não ter o poder para deter o abuso pode ter sido real no momento em que o abuso ocorreu, pois dependendo da idade do abusado, nem capacidade para entender o que ocorreu a vítima tinha e, literalmente, como a palavra vítima quer dizer animal sacrificado ou animal para o sacrifício, assim também aquele que sofreu o abuso é “despoderado” ou é *roubado* de sua capacidade de exercer poder sobre a situação. Este sentimento pode levar o abusado a paralisação total ou parcial de algumas áreas. O conselheiro pode facilitar a recuperação da sensação de que agora o abusado pode exercer poder sobre sua vida e sobre muito do que acontece à sua volta, pois já não é mais uma criança indefesa nas mãos de seu algoz.

Para que atuação interventiva do conselheiro seja relevante e para que ele tenha condições de avaliar a dimensão do impacto que o abuso sexual causou no cliente, é importante que se conheçam as fases do desenvolvimento humano.

Na relação de ajuda que se estabelece na reciprocidade do processo de ajuda o aconselhando encontra acolhimento para sua história, a qual pode ser revista e ouvida sem qualquer medo de reprovação ou de julgamento. Nesta relação, Poujoul (2006 p. 23), também afirma que o conselheiro pode servir como um *espelho objetivo* ao aconselhando e aumentar seu campo de visão para que ele entenda seus sentimentos, motivações, pontos fracos e fortes.

A relação de ajuda ou aconselhamento pode contribuir para *construir em conjunto novos valores, convicções, referências* que poderão promover mudanças efetivas. Poujoul (2006 p. 23).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na pesquisa ficou evidenciado que, acima das técnicas, está o próprio conselheiro, pois ele será o canal que irá ao encontro do aconselhando em sua crise.

No processo da relação de ajuda evidenciou-se a necessidade do conselheiro conhecer a si mesmo e fazer um exame constante de suas motivações e intervenções.

A visão integral ou holística do homem muito cooperará no tratamento

do aconselhando, pois a eficiência do aconselhamento está ligada à capacidade de compreender quem é este homem. O conceito que o conselheiro tem do homem será o ponto de partida para qualquer abordagem e se ele não adotar um conceito conscientemente, adotará outro inconscientemente, pois é impossível seguir adiante sem ter um conceito de homem permeando e direcionando o atendimento.

Propiciar um “lugar afetivo” seguro de acolhimento, onde o aconselhando possa se sentir ouvido, visto e aceito incondicionalmente, é fundamental para que o processo de cura aconteça.

Devolver a “voz” ou a “fala” roubada da pessoa abusada é fundamental para que ela possa reestruturar-se emocional, afetiva, intelectual e relacionalmente, e este lugar afetivo de acolhimento incondicional propiciado na relação de ajuda é primordial para que a reestruturação ocorra.

Com a verbalização do indizível, a relação de ajuda será fortalecida e, na interatividade do relacionamento Conselheiro-Aconselhando, a confiança em se relacionar com o outro além do aconselhador, pode ser restabelecida. Acompanhando a recuperação da voz e ou fala silenciada e a confiança em se relacionar novamente, o abusado caminhará, então, para o empoderamento da energia que lhe foi extraída e a percepção de que pode assumir o controle e a responsabilidade da própria vida, o que poderá abrir-lhes novas possibilidades de crescimento.

A identificação e compreensão da fase emocional do desenvolvimento humano em que o conselheiro e o aconselhando se encontram será de grande ajuda no processo de atendimento.

Compreender os mecanismos de defesa e a forma como eles atuam na mente do abusado, auxiliará o conselheiro a compreender os movimentos psíquicos resultante do trauma vivenciado.

*Quando a Boca fala o corpo sara, quando a boca cala o corpo fala.  
(Ditado Popular)*

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- COLLINS, R. Garry. *Aconselhamento Cristão: Seculo XXI – São Paulo, Editora Vida Nova, 2004*
- FRIESEN, Albert. *Cuidando do Ser*, Curitiba, Esperança, 2000. P. 26
- MEDEIROS Glauca – *Curso de Pós Graduação em Aconselhamento no IFC Matéria: Competências e Limites no Aconselhamento. Citado em Aula expositiva. 2003*
- LACAN, Jacques – *Seminário 1 – Os Escritos Técnicos de Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1975
- LANGBERG, Mandt Diane. *Abuso Sexual Aconselhando Vítimas*. Editora Evangélica Esperança, 2002
- CRAB, Larry. *Princípios de Aconselhamento Bíblico*. Brasília, Editora Refugio, 1998
- MAY, Rollo. *A Arte do Aconselhamento Psicológico – Tradução Reinaldo*. São Paulo: LACRI/SPA/IPUSP, 2008
- POUJOL, Jacques & Claire. *Manual de Relacionamento de Ajuda*, São Paulo, Editora Vida Nova, 2006